

# Professores por raça autodeclarada.

Luan G. Cândido

## O problema: brancos ainda são enorme maioria entre os professores.

O objetivo deste documento é identificar o número de docentes por raça autodeclarada da Educação Superior brasileira, das Universidades Federais e, em específico, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Com este dado pretendemos ressaltar que, apesar do sucesso da política de cotas no âmbito da popularização do corpo estudantil, as Instituições de Ensino Superior (IES) ainda são marcadas por um intenso quadro de inequidade racial. Como veremos, a participação de brancos ainda é esmagadoramente maior que a de negros, que por sua vez é maior que a de amarelos e indígenas.

Apesar das diversas particularidades relativas ao processo de contratação de professores em cada IES e frente ao sucesso da política de cotas na promoção de equidade racial na composição do corpo estudantil, acreditamos que este panorama aponta para a possibilidade de adoção de uma política de cotas nos programas de pós graduação e, principalmente, nos concursos para contratação de novos professores.

## Metodologia.

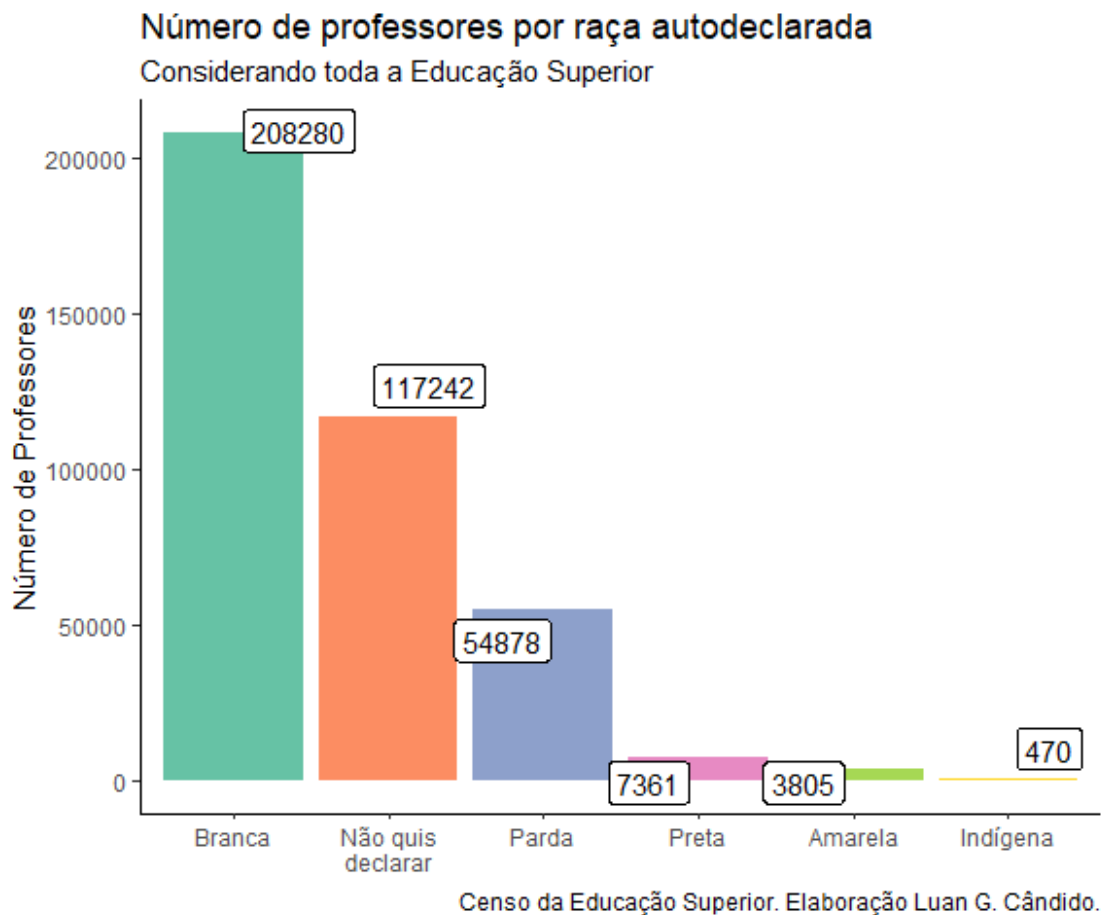
Os dados foram produzidos a partir do software R e seu código estará disponível no [github](#). A base de dados utilizada para o cálculo foi o Censo da Educação Superior (INEP), maior e mais consolidada fonte de informações sobre a Educação Superior no Brasil. Mais especificamente, usou-se como base a tabela “DM\_DOCENTES.CSV” do Censo da Educação Superior de 2017.

Uma ressalva é interessante de ser feita: as possibilidades de análise sobre a distribuição dos docentes por raça autodeclarada colocadas pelo Censo são muito maiores. Esse resultado poderia ser observado para IES estaduais, municipais, privadas e especiais; para homens e mulheres; para docentes em exercício e afastados; por grau de escolaridade; por regime de trabalho; por idade; por nacionalidade e muitas outras variáveis presentes na tabela de docentes.

Uma desagregação que seria especialmente interessante e que não é possível usando exclusivamente o Censo é a desagregação por curso e/ou departamento onde o docente leciona. Todavia, este resultado poderia ser calculado a partir de um cruzamento das informações do Censo com dados das próprias Instituições. Mais especificamente, a relação de Códigos (gerado pelo INEP, presente no Censo) dos docentes por departamento ou curso.

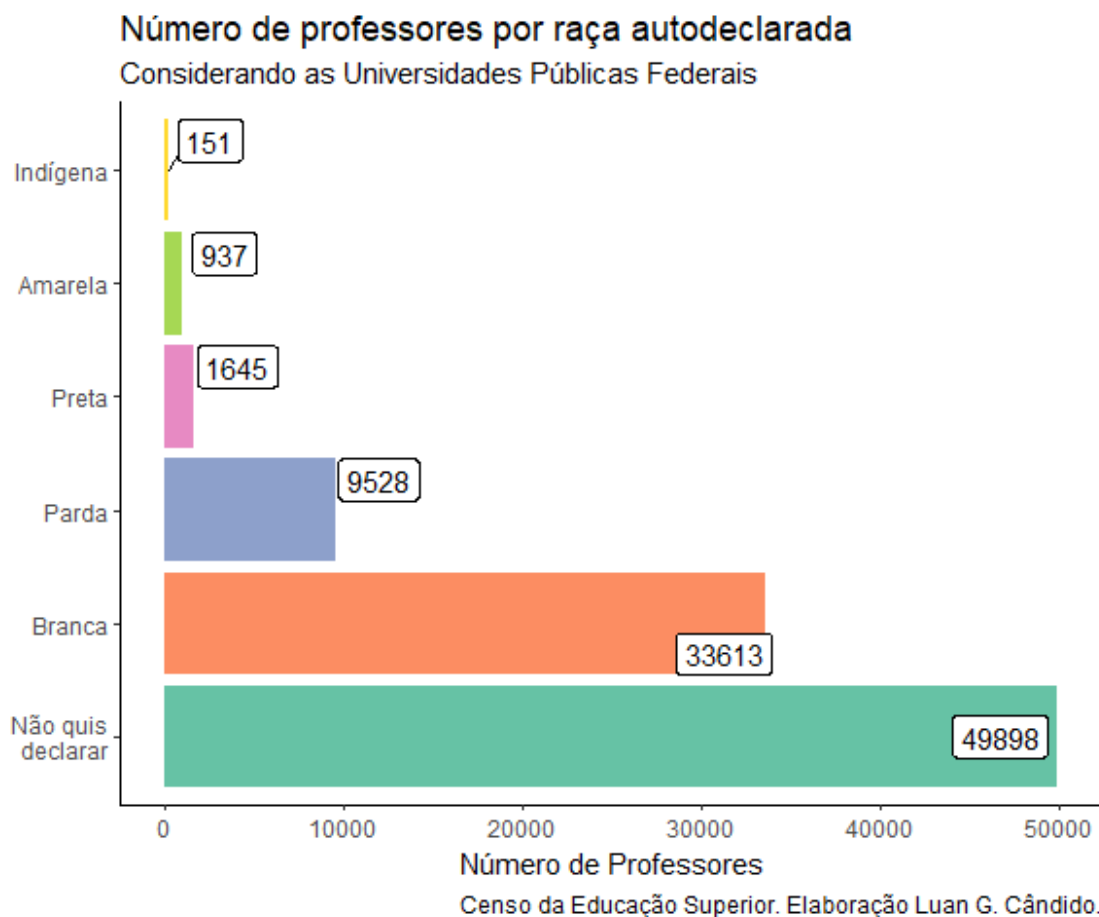
## Resultados.

No gráficos 1 são expostos o número de professores por raça autodeclarada para a Educação Superior brasileira como um todo. Ou seja: quantos docentes se autodeclararam brancos; quantos não quiseram declarar sua raça; quantos se autodeclararam pardos; quantos se autodeclararam pretos; quanto se autodeclararam amarelos; e quantos se autodeclararam indígenas. Neste caso, seguindo abordagens como as do IBGE sobre questões raciais, pretos e pardos serão tratados ao longo do texto como “negros”.



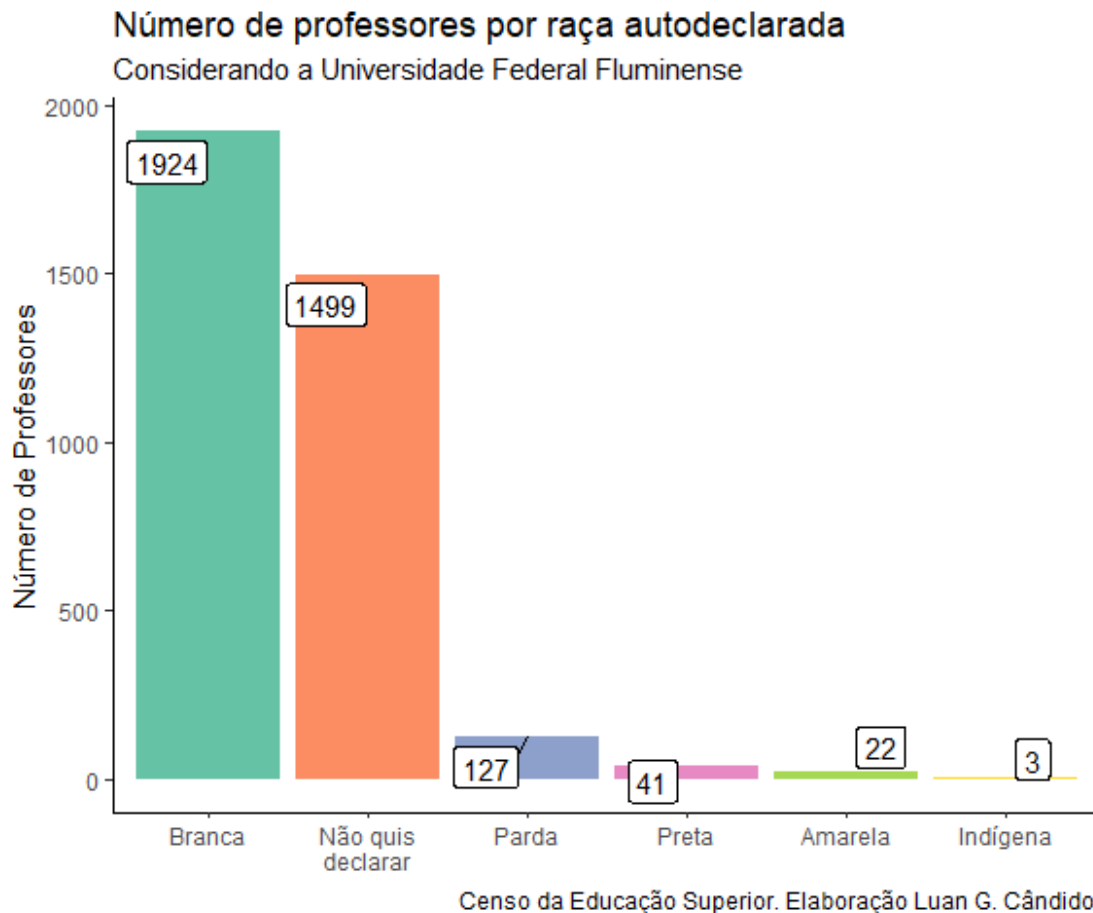
Como podemos ver, a participação de brancos é muito maior do que a de todas as outras raças. De um total de 392.036 professores que dão aula no Ensino Superior Brasileiro, 209.280 são brancos (53,12%). Na “segunda colocação” estão aqueles que não quiseram autodeclarar sua raça: 117.242 docentes (29,9%). As pessoas que se autodeclararam negras eram 62.239 (15,87%). Amarelos eram 3805 (0,97%). O pior resultado fica por conta da participação de indígenas, sendo apenas 470 professores autodeclarados desta raça. Isso representa apenas 0,11% do total de professores.

No gráfico 2, veremos o resultado da mesma estatística, mas calculada apenas para as Universidades Públicas.



Neste caso, podemos ver que a realidade é análoga a do ensino superior como um todo: predominância do número de brancos, seguidos pelo número de professores negros e, em seguida, amarelos e indígenas. No entanto, há aqui, uma distinção importante: o número de docentes que não quiseram declarar sua raça supera o número de brancos. De um total de 95.772 docentes de Universidades Públicas Federais, 49.898 (52,1%) não quiseram declarar sua raça. Os que se autodeclararam brancos foram 33.613 (35%). Autodeclarados negros foram 11.173 (11,7%). Amarelos, 937 docentes (0,9%). Novamente o pior resultado é da autodeclaração de indígenas, com 151 (0,15%) professores nas Universidades Federais. Há, contudo, uma diminuição relativa na participação de negros nas Universidades Federais frente ao Ensino Superior como um todo: 11,7% contra 15,87%.

Vejamos agora a realidade da UFF:



De um total de 3.616 professores, 1.924 são autodeclarados brancos (53,2%). Não quiseram declarar 1.499 (41,4%). Autodeclarados negros são apenas 168 docentes (4,6%). Amarelos são 22 (0,6%). E mais uma vez a pior estatística é a de docentes autodeclarados indígenas: são apenas 3 na UFF inteira, o que representa 0,08% do total.

No geral, a situação da UFF se assemelha ao do resto do país: predominância daqueles que se autodeclararam brancos. Contudo, podemos observar um nítido quadro de deterioração em termos de equidade racial. Brancos permanecem em uma proporção parecida do total (53% na UFF contra 35% nas U.F. e 53% na educação superior como um todo). O número que não quis declarar cresce expressivamente em relação à Educação Superior, mas ainda é menor que a média das Universidades Federais: são cerca de 40%, contra 52,1% das U.F. e 29,9% do todo. Em relação ao percentual de autodeclarados não-brancos, há uma queda generalizada: negros são menos de 5%, contra cerca de 12% nas U.F. e 15% no todo. Amarelos caem de cerca de 0,9% para 0,6%. E indígenas caem de valores extremamente pequenos, 0,15% e 0,11%, para 0,08%. Ou seja, praticamente não há participação de indígenas nos docentes da UFF: são apenas 3 de 3.616.

Antes de finalizar e como forma de realçar o quadro de inequidade racial apresentado, é justo lembrar que, de acordo com o [Censo Demográfico de 2010](#), a distribuição da

população residente no Brasil por raça era a seguinte: 50,74% eram negros (7,61% pretos, 43,13% pardos); 47,73% eram brancos; 1,09% eram amarelos; e 0,43% indígenas.